

## **Dispersão**

**Mário de Sá-Carneiro**

Enviado por:

Publicado em : 13/02/2013 00:40:39

Perdi-me dentro de mim  
Porque eu era labirinto  
E hoje, quando me sinto.  
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida  
Um astro doido a sonhar.  
Na ânsia de ultrapassar,  
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,  
Não tenho amanhã nem hoje:  
O tempo que aos outros foge  
Cai sobre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris  
Lembra-me o desaparecido  
Que sentia comovido  
Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,  
É bem-estar, é singeleza,  
E os que olham a beleza  
Não têm bem-estar nem família).

O pobre moço das ânsias...  
Tu, sim, tu eras alguém!  
E foi por isso também  
Que me abismaste nas ânsias.

A grande ave doirada  
Bateu asas para os céus,  
Mas fechou-as saciada  
Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,  
Assim me choro a mim mesmo:  
Eu fui amante inconstante  
Que se traiu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro  
Nem as linhas que protejo:  
Se me olho a um espelho, erro -  
Não me acho no que projeto.

Regresso dentro de mim  
Mas nada me fala, nada!  
Tenho a alma amortalhada,  
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,  
Fiquei com ela, perdida.  
Assim eu choro, da vida,  
A morte da minha alma.

Saudosamente recordo  
Uma gentil companheira  
Que na minha vida inteira  
Eu nunca vi... Mas recordo

A sua boca doirada  
E o seu corpo esmaecido,  
Em um hálito perdido  
Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades  
São do que nunca enlacei.  
Ai, como eu tenho saudades  
Dos sonhos que sonhei!... )

E sinto que a minha morte -  
Minha dispersão total -  
Existe lá longe, ao norte,  
Numa grande capital.

Vejo o meu último dia  
Pintado em rolos de fumo,  
E todo azul-de-agonia  
Em sombra e além me sumo.

Ternura feita saudade,  
Eu beijo as minhas mãos brancas...  
Sou amor e piedade  
Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas  
Que eram feitas pra se dar...  
Ninguém mas quis apertar...  
Tristes mãos longas e lindas...

Eu tenho pena de mim,  
Pobre menino ideal...  
Que me faltou afinal?  
Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me n'alma o crepúsculo;  
Eu fui alguém que passou.  
Serei, mas já não me sou;  
Não vivo, durmo o crepúsculo.

Álcool dum sono outonal  
Me penetrou vagamente  
A difundir-me dormente  
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,  
E, louco, não enlouqueço...  
A hora foge vivida  
Eu sigo-a, mas permaneço...

Castelos desmantelados,  
Leões alados sem juba...

Paris - maio de 1913.

Mário de Sá-Carneiro